Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Aplicação do Método de Diferenças Finitas e Resolução de Matriz

Bruno Reinoso Teixeira Pinto

Eduarda Rocha Machado

Nova Friburgo, 22 de Junho de 2019

**Objetivo**

**Introdução teórica**

Visando o problema fornecido que foi dado pela seguinte equação diferencial parcial,

onde α é um coeﬁciente de difusão e C representa a concentração de um dado componente em um sistema transiente modelado em geometria unidimensional na coordenada cartesiana x, utilizamos primeiramente o Método das Diferenças Finitas, que consiste em um método para resolver equações diferenciais por meio de aproximações de derivadas por diferenças finitas. A fórmula é obtida através da série de Taylor da função derivada.

O operador para a derivada é obtido a partir da seguinte série de Taylor para as seguintes funções:

F’(x+h)=

F’(x-h)=

Observando essas séries de Taylor, podemos dizer que a derivada pode ser escrita de três formas distintas contendo um termo do erro ao se desprezar termos de ordem superior.

A primeira delas é chamada de diferença avançada, onde f’(x) é dada por:

A segunda é chamada de diferença centrada e é dada por:

E por último, temos a diferença atrasada, que é dada por:

Por meio desse método, também conseguimos aproximar uma derivada de ordem superior, como uma de segunda ordem, que é dada por:

Com isto, foi possível desenvolver o trabalho proposto, visto que precisamos aproximar as derivadas da equação de difusão e as condições de contorno por esses métodos, o que será demonstrado na próxima seção.

**Formulário**

L → Comprimento(m)

α → Alfa (Coeficiente de difusão)

x,i → Espaço

t,n → Tempo

Ci, Cw e Ce → constantes

**Desenvolvimento**

A equação inicial fornecida já citada foi a de difusão, que é dada por:

Com a equação e utilizando o método de diferenças finitas já explicadas, com referência em (i,n+1),podemos aproximar a derivada primeira temporal por uma aproximação centrada no tempo, como podemos ver a seguir:

Já a derivada segunda pode ser aproximada por uma centrada no espaço, como vemos abaixo:

Utilizando as aproximações encontradas e substituindo na equação de difusão dada, temos:

Reorganizando, temos:

Tendo s = e isolando o termo elevado somente a n, obtemos:

+

Com a formulação totalmente implícita encontrada, o sistema já pode começar a ser resolvido, mas precisamos primeiro observar as condições de contorno fornecidas.

Para o contorno 1, temos uma condição de Dirichlet, porque temos o valor constante da incógnita fornecido pela planilha.

C(0,t)= Cw , C(L,t)= Ce,

Para o contorno 2, temos uma condição de Robin, pois temos uma derivada e um valor da incógnita.

C(0,t)= Cw , = 0

Como temos uma derivada como umas das condições de contorno, pode-se usar uma aproximação atrasada para essa derivada também:

= 0 => =0

Reorganizando, temos:

Assim, voltando a formulação encontrada no caso 1, para i =2, teríamos:

Porém, como visto acima, para . Portanto, temos:

Para i=3, teríamos:

E para a última de acordo com o comprimento L-1, teríamos:

Visto que temos o valor de =35, podemos substituir:

No caso 2, como somente a parte da ponta direita do contorno irá mudar, a diferença na substituição será vista na última linha.

Como , temos:

Com todas as expansões feitas e as substituições vistas acima, podemos começar a resolver o sistema de forma computacional. O programa utilizado foi o scilab e para o início dos cálculos utilizando a condição 1, foram usados 61 nós do espaço e 10 nós para o tempo. O tempo total inicial utilizado foi de 10000s e o método utilizado para a resolução do sistema foi o método de Jacobi. Abaixo, temos um gráfico desse primeiro teste. Nota-se que a concentração no tempo escolhido permanece nos extremos, ou seja, a dispersão se concentra nessas áreas.

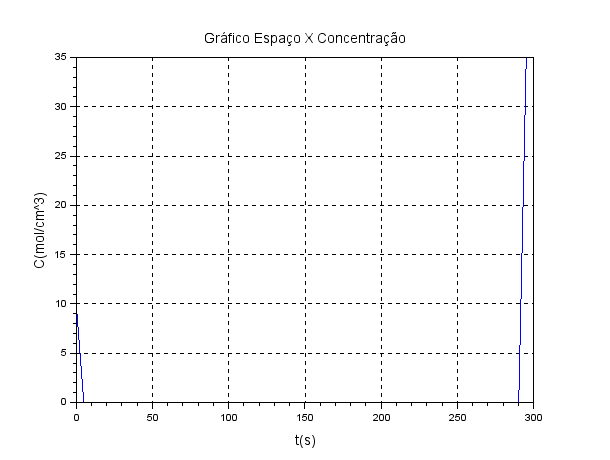
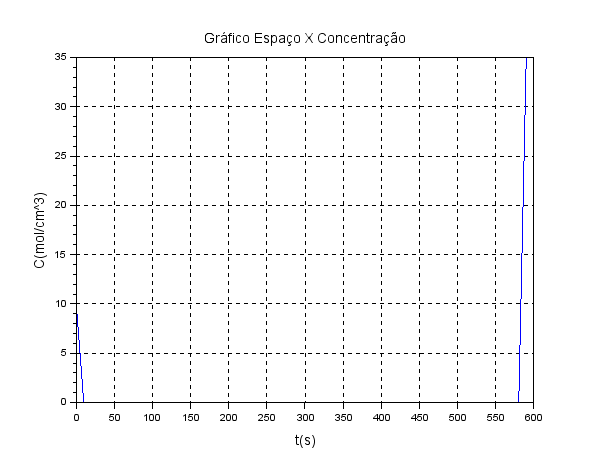
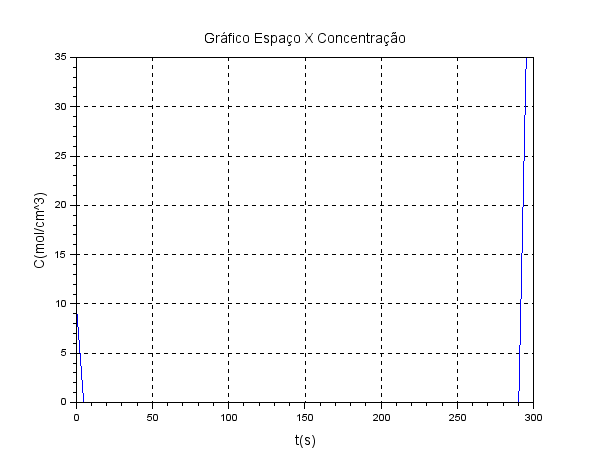


Figura - Concentração com tempo total 10000s

Como o próximo teste, variou-se o tamanho do comprimento para 600, utilizando os mesmos dados que o teste anterior. Visualmente, não houve mudança nenhuma, mesmo que a área seja maior. Isso significa que a concentração em 600m ou 300m teria a mesma dispersão.

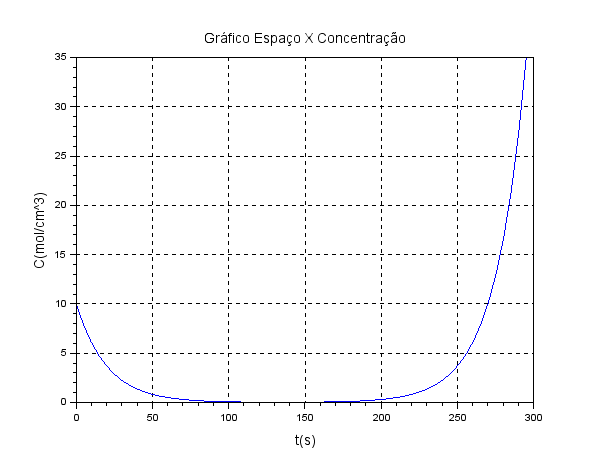


Modificando o valor de alfa que inicialmente era , observamos pouca mudança quando a potência é mudada para .

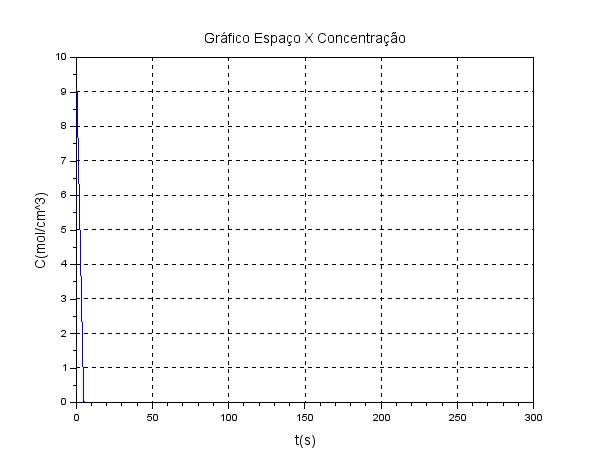


Nota-se que deixando o alfa menor, o comportamento do gráfico não muda tanto, mas o alfa maior faz as pontas ficarem mais “curvas”.

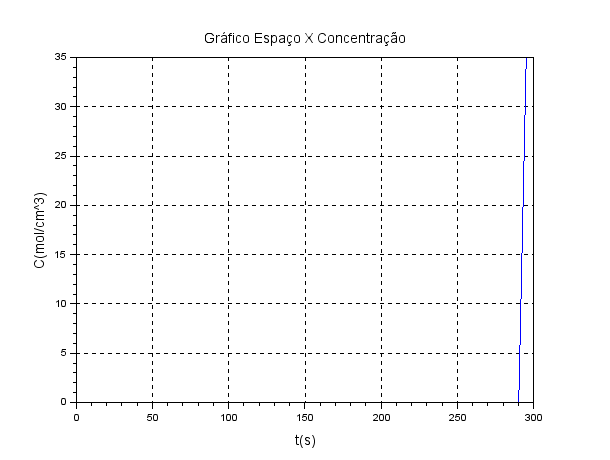
Com alfa , vemos que as pontas ficam mais curvas e a concentração mostra apresentar um comportamento parecido com o de uma parábola, ou seja, tem “picos” de variação e um momento de pouca variação, que seria o meio da parábola.



Alterou-se também os valores de Ce e Cw para 0. O comportamento pode ser visto abaixo.

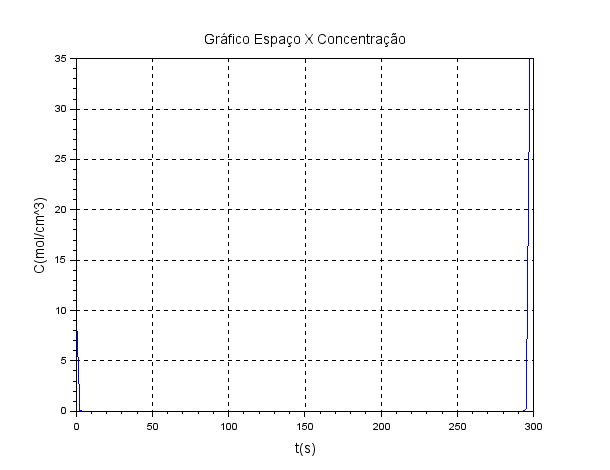


Quando Ce é igual a zero, nota-se que a linha cresce rapidamente em um pequeno espaço de tempo. E o comportamento de Cw é parecido, porém perto de 300, o que é esperado devido a variação escolhida.

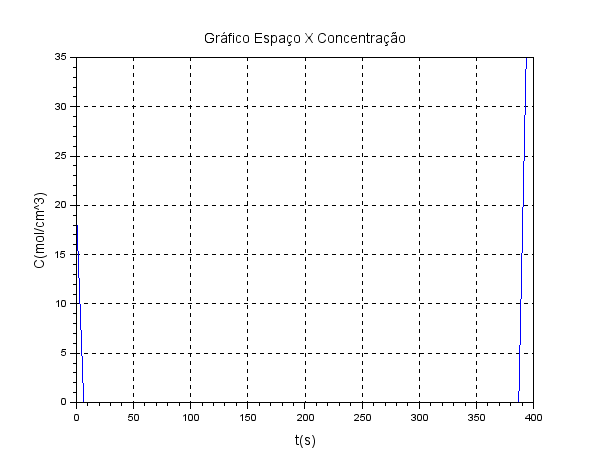


Foram feitos testes modificando o valor do tempo total e de nós do tempo, ou seja, do delta t utilizado e o comportamento do gráfico é muito similar ao original. Isso significa que variar esse parâmetro e manter os outros iguais não afeta muito o comportamento da concentração.

Testou-se também o comportamento com a quantidade de nós do espaço maior (122) e também com os valores de outro grupo e o escolhido no caso foi o grupo número quatro, onde Ci = 10, Ce = 35, Cw = 20, = 30, l = 400.



Como o número de nós do espaço é maior, o delta x diminui e por isso vemos que o espaço nas extremidades também diminui, o que indica mais precisão no resultado.



O comportamento do gráfico de um grupo diferente foi bem semelhante ao original, o que já era esperado, visto que, apesar dos dados diferentes, o problema tratado é o mesmo.